

en
textos
entre
textos

02 DE MENINA A MESTRA:
MEMÓRIAS DO CURSO
DE FORMAÇÃO FEMININA

Ana Sofia António
António Teodoro

Junho de 2009

ENTRETEXTOS DA UI&D-OPECE

Publicação electrónica da UI&D- OPECE - Observatório
de Políticas de Educação e de Contextos Educativos
Instituto de Ciências da Educação
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Campo Grande, 376
1749-024 Lisboa, Portugal
Email : uid.entretextos@gmail.com
Website:<http://uid-opece.ulusofona.pt>

Ana Sofia António & António Teodoro

UI&D Observatório de Políticas de Educação e Contextos Educativos
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Resumo**DE MENINA A MESTRA: MEMÓRIAS DO CURSO DE
FORMAÇÃO FEMININA**

Este texto faz parte da investigação, A Construção da Profissão Docente no Ensino Secundário (1947-1974). Formações, Percursos, Identidades. Financiada no âmbito do Programa Sapiens 2000, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Neste ensaio procurou-se explorar ideias e compreender sentimentos de mestras do curso de formação feminina. Através da relação entre a vida profissional e pessoal da vida destas mulheres, pretendeu-se entender as finalidades do curso de Formação Feminina da vertente de ensino Técnico-profissional, os percursos profissionais, os períodos marcantes e as ideologias das alunas e mestras deste curso. Valorizou-se, por isso, o sistema de valores e os sentimentos de três mulheres face a este curso.

Numa sociedade estereotipada, é atribuída à mulher uma componente sentimental, à qual pertencem valores menosprezados na ideologia masculina. Nesta ideologia a eficácia, o pensamento racional e a competição são valorizados. A responsabilidade maternal das professoras leva-as a reforçar o eu maternal em detrimento do eu adulto, desse modo elas encontram-se numa situação fechada e conflituosa, pois as professoras além de se sentirem desamparadas, sentem-se também culpadas por não conseguirem encontrar uma solução.

Pensamos que este estudo será importante para a compreensão dos objectivos da formação feminina: a jovem forma-se no espaço público para desempenhar bem as suas funções no espaço doméstico.

Palavras-chave: menina; mestra; formação feminina; espaço público; espaço doméstico.

GIRLS AND THEIR NEEDLEWORK TEACHERS: MEMORIES OF THE FEMALE TRAINING COURSE

Abstract

The following text comprises part of the approach to a theme integrated in the research project entitled *The Construction of a Teaching Career in Secondary Education (1947-1974). Training, Development, Identities*. The Science and Technology Foundation, within the Sapiens 2000 Program, funded this research.

The study we are developing starts from the exploration of ideas and understanding of feelings expressed by female teachers from technical education. By establishing a bond between the professional and personal lives of these women, we propose to appreciate their professional growth, as well as to identify decisive stages in their professional performance and their educational beliefs. The framework of these goals will be the purposes given to female training courses within technical teaching in which these teachers work

In a stereotyped society, it is attributed to women a sentimental component that encompasses values underestimated by a masculine point of view. Within this perspective, effectiveness, rational thought and competition are valued. On the other hand, the maternal responsibility that female teachers have makes them strengthen the *maternal self* in detriment of the *adult self*. This often promotes an enclosed and conflicting situation, since teachers feel not only unsupported, but also guilty for not being able to find a plausible solution.

We think that this study on female technical educators will be important to understand the objectives of female teaching - the young woman becomes skilled in the public arena so that she can successfully carry out her role in the domestic arena.

Key words: Girl; needlework teacher; female training; public arena; domestic arena.



Introdução

A memória é o género que se atreve a dizer o seu próprio nome. A bibliografia diz-nos: «És o que foste.». O romance diz-nos: «És o que fizeste.» Mas a biografia, confissão ou romance requerem memória, pois a memória, diz Shakespeare, é a guardiã da mente. Uma guardiã, diria eu, que se radica no presente para olhar com uma face o passado e com a outra o futuro. A busca do tempo perdido também é, fatalmente, a busca do tempo desejado. Hoje, no presente deste ano terceiro do segundo milénio depois de Jesus, Gabriel Garcia Márquez rememora. Aos que um dia dirão: «Foste isto», «Fizeste isto», Gabo adianta-se e diz simplesmente: Sou, serei, imaginei. Recordo isto. [...]a realidade é sempre mais romanesca do que a ficção. Daí que a ficção deva superar, não a realidade mas a ficção da realidade.

Fuentes (2003)

Este texto faz parte da investigação, *A Construção da Profissão Docente no Ensino Secundário (1947-1974). Formações, Percursos, Identidades*. Financiada no âmbito do Programa Sapiens 2000, pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Neste ensaio com o título *As Meninas e as Mestras: memórias do curso de Formação Feminina*, procurou-se explorar ideias e compreender sentimentos; tendo o propósito de conhecer os enredos que abraçavam um curso destinado apenas a meninas e, à partida, orientado para que as mesmas adquirissem um saber feminino e mais tarde fossem, assim, capazes de realizar determinadas tarefas domésticas dando continuidade a uma estrutura económica-familiar.

Através das articulações entre as vidas pessoais e as vidas profissionais destas meninas agora mulheres, pretendeu-se reconstituir as memórias do curso de Formação Feminina e dar alguma individualidade à investigação. Apesar de Joaquim (1997) referir que o conceito de feminino tem tido tradicionalmente um tratamento globalizante: “em relação ao mundo feminino, só muito recentemente se está a dar esta individualização, o que tem a ver, entre outras causas,

com o acesso de camadas cada vez maiores da população feminina ao mundo do trabalho assalariado” (p. 180). Tencionou-se igualmente conhecer as finalidades do curso de Formação Feminina da vertente de ensino Técnico-profissional, os percursos profissionais, os períodos marcantes e as ideologias das alunas e mestras deste curso.

Esta investigação deu origem a um texto composto por quatro partes. Na primeira parte – *Memórias* - justifica-se, de certo modo, a metodologia escolhida, além disso são apresentadas as protagonistas da investigação. Na segunda parte - *O Curso de Formação Feminina* - é feita a apresentação do curso de Formação Feminina, dando-se a conhecer o acesso, o currículo, a distribuição do curso em Portugal continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Na terceira parte – *Motivações* - são definidos dois pressupostos teóricos com a função de delinear a própria investigação. Por fim, na quarta parte – *De Menina a Mestra* – verifica-se a relação que as mestras estabeleciam com os outros professores e com as suas alunas, bem como a forma como entendiam o local onde leccionavam.

1 - Memórias

As meninas, ex-alunas, e as mestras de Formação Feminina foram o objecto de estudo desta investigação. Sendo assim, arriscou-se seguir uma metodologia que permitisse realçar o entendimento destas mulheres mas, que possibilitasse também fazer uma articulação entre o conhecimento dado pelos diferentes instrumentos de investigação.

A partir da revisão de literatura, procurou-se perceber alguns dos enredos em torno da problemática em estudo e encontrar algumas explicações. Já a leitura dos diplomas legais deu a conhecer, por exemplo, o currículo e o acesso ao curso de Formação Feminina, bem como os cursos de especialização e às saídas profissionais.

Tendo em atenção o universo de investigação já delineado, houve a necessidade de recolher os testemunhos da Carolina, da Rita e da Margarida; ex-alunas e posteriormente mestras de Formação Feminina.

Por tudo isto, definiram-se as histórias de vida como principais instrumentos de pesquisa. Laville e Dionne (1999) descrevem este instrumento de investigação como “a narração, por uma pessoa, de sua experiência vivida” (p. 158). As histórias de vida são constituídas

pelos acontecimentos vividos pelos narradores, pela sua interpretação mas, também pelo modo como cada um é capaz de expressar a narrativa (Antikainen *et al.*, 1996).

Sobre a importância das histórias de vida para a investigação, Januário (1996) defende que estas "são aplicadas preferencialmente para determinar como os participantes se colocam e agem face a determinadas orientações educativas, acontecimentos ou inovações particulares, estudando em profundidade os motivos, pensamentos e crenças pessoais, constituindo uma autêntica biografia da vida profissional" (p. 63).

Compreende-se que um trabalho que tenha como instrumento de investigação as histórias de vida, não pode ter um universo vasto. Tem, contudo, um universo singular e significativo uma vez que são recolhidos sentimentos e emoções, residindo nesta possibilidade, o grande parte do valor das histórias de vida para a investigação.

É durante a narração, que as relações familiares, o desenvolvimento pessoal, o meio social e cultural onde está inserida cada narradora, a carreira profissional e o seu próprio dia-a-dia vão desabrochando. Pelo que, as relações e as atitudes que cada uma das mulheres tem consigo própria e com o mundo vão sendo progressivamente reveladas.

Cada narradora tem certamente uma complexidade ímpar, a dimensão pessoal de cada uma é condicionada pela idade, mas também pela sua experiência pessoal de vida e pelas relações familiares que constroem. Além disso, a forma como as suas experiências pessoais e profissionais se intercalam diferem de narradora para narradora. É igualmente possível que algumas das verdades contadas pertençam unicamente às construções mentais das protagonistas desta investigação. Bastos e Colla (1994) comentam que "a imagem perpassada pelo discurso não espelha a realidade mas assume a função de espelho [...]. Dessa forma, o discurso não representa o real, mas cria uma ideia do real" (p. 5). Neste sentido, as histórias de vida não correspondem exactamente a fragmentos do passado, enquanto que o passado não permite variações, as histórias de vida surgem da construção que cada um faz do passado.

Num trabalho em que a dimensão pessoal e a dimensão profissional dos indivíduos se cruzam e se revelam, é obrigação do investigador tentar perceber o significado de cada narrativa. Cada história de vida pode ser entendida como um depoimento vivido, analisado e exprimido pela sua narradora. Porque as histórias de vida levam à construção de dois tipos de conhecimento - informações sobre o acontecimento e reflexões

subjectivas acerca desse mesmo acontecimento - a interrogação é quase permanente.

Laville e Dionne (1999) acrescentam que:

A narrativa será forçosamente uma amálgama de fatos [sic] de toda natureza, de julgamentos, de interpretações, que interessará tanto ao historiador apaixonado por «pequena história» para esclarecer a «grande», quanto ao homem de letras, o psicólogo e, claro, as pessoas preocupadas com os fenômenos [sic] sociológicos e culturais (p.158)

É natural que este tipo de metodologia suscite algumas dúvidas, pois permite abordar as temáticas de um modo real e concreto. Não é, porém, intuito deste trabalho pôr em evidência diversas correntes teóricas sobre a aplicação de histórias de vida. Foram então recolhidas três histórias de vida: a da Carolina, a da Rita e a da Margarida, nomes que as narradoras atribuíram a si próprias. O quadro I representa o guião com as questões colocadas às narradoras e a sua contextualização.

Quadro I - Questões para as entrevistas.

Tema	Questão
Origem das mestras	1 – Quando decidiu ser mestra da Formação Feminina? 2 – Quais as razões que a levaram a ser mestra? 3 – E as outras meninas... Tem noção das idades delas? Das razões que as levaram a fazer esse curso? 4 – O curso existia em vários distritos. Era um curso importante? Porquê? 5 – O curso era constituído por várias disciplinas. Recordasse de alguma? 6 – Faz sentido ainda hoje haver um curso de Formação Feminina? Porquê? 7 – Como a ajudou, ao longo da sua vida?
Relação das mestras com os outros agentes educativos.	1 – Frequentava a sala de professores? 2 – Como era a relação das mestras com os outros professores? 3 – Conversavam? Sobre o quê? 4 – Tinham reuniões juntos? Quais? 5 – Os professores tinham um vencimento superior ao das mestras. Isso incomodava-a? achava estranho?
Espaço sala de aula	1 – A oficina era uma sala da escola ou ficava fora da escola, no pátio? 2 – As mestras e as meninas usavam uma bata própria? Costumavam tirar a bata no final das aulas? 3 – As mestras tinham de escrever o sumário no livro de ponto? Todos os professores escreviam o sumário nesse mesmo livro?

1.1 – A Carolina

A Carolina frequentou o curso de Formação Feminina no final da década de 50 e o de especialização no início da de 60, na Escola Industrial Josefa de Óbidos. Foi professora de Economia Doméstica, mais tarde de Trabalhos Manuais e, actualmente, lecciona Educação Visual e Tecnológica (E.V.T.).

Espera lá um bocadinho, acho que ainda continuo a escrever tudo na agenda. Tenho para aqui umas coisas escritas. Ainda esta noite acordei e lembrei-me: «-deixa cá pôr isto».

A Formação Feminina 59, 60. E depois...andas para trás. Fiz a especialização 60, 61. Depois fui dar aulas em 61/62. Como aluna estive na Josefa de Óbidos. 61/62 comecei

a dar aulas na Luísa de Gusmão e fiz o segundo ano da especialização lá.

1.2 – A Rita

A Rita frequentou o curso de Formação Feminina na Escola Industrial Marquês de Pombal em 1969 e lembra que, em 1970, deixou de haver o curso nesta escola. O percurso profissional da Rita foi idêntico ao da Carolina.

*Deixe ver... em 69, sim, há mais de trinta anos.
Um ano depois acabou o curso na Marquês de Pombal.
Sim, sim...
[...] Primeiro estive na Ferreira Borges e depois vim para aqui. Primeiro na Economia Doméstica. Depois o professor Calvet de Magalhães¹ disse para eu vir para aqui².*

1.3 – A Margarida

A Margarida, ao contrário da Carolina e da Rita, frequentou o curso de Formação Feminina no Ultramar, mais precisamente em Lubango, Angola. Depois de concluir o curso, começou a leccionar Liores e Trabalhos Manuais no Liceu Feminino, em Luanda. Já em Lisboa, foi professora de Trabalhos Manuais e posteriormente de E.V.T.

Eu fiz a Formação Feminina em Sá da Bandeira³, estive dois anos lá e em Luanda. Acabei lá o curso. Nunca fui mestra. Assim que acabei o curso comecei a trabalhar no Liceu Feminino, em Luanda. Aí dava Liores e Trabalhos Manuais.

2 - O Curso de Formação Feminina

2.1 – As meninas

Acesso aos cursos

O curso de Formação Feminina era ministrado nas Escolas Técnicas; onde as alunas podiam ingressar depois de concluírem o Ciclo Preparatório. Os cursos industriais e

¹ A Rita faz menção ao Professor Manuel Maria Calvet de Magalhães.

² A narradora refere-se à escola E.B. 2,3 Francisco de Arruda. Com a denominação de Técnica Elementar até 1967 e de Preparatória até 1977.

³ A denominação actual de Sá da Bandeira é Lubango.

comerciais funcionavam apenas no período diurno e tinham como objectivo a entrada, dos alunos, na indústria e no comércio. Tal como faz referência o artigo 66.º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial (quadro II).

Verifica-se a existência de diferenciação de géneros na idade de ingresso dos alunos nos cursos. Assim, enquanto que para os meninos a idade máxima estava fixada nos 16 anos, para as meninas não foi estabelecido nenhum patamar (quadro III).

Quadro I - Artigo 66.º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial.

OS CURSOS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS DE FORMAÇÃO SERÃO MINISTRADOS EXCLUSIVAMENTE NO PERÍODO DIURNO A CANDIDATOS HABILITADOS NO CICLO PREPARATÓRIO, COM O FIM DE LHE FACULTAR A EDUCAÇÃO GERAL E TÉCNICA NECESSÁRIA PARA O INGRESSO NAS CARREIRAS DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E ANÁLOGAS.

Quadro II - Artigo 70.º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial.

1. A IDADE MÁXIMA PARA A MATRÍCULA NO 1.º ANO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOS CANDIDATOS DO SEXO MASCULINO É A DE 16 ANOS COMPLETOS NO INÍCIO DO ANO ESCOLAR E PARA OS ANOS SEGUINTE A QUE LHE CORRESPONDER.
2. PODE SER AUTORIZADA A MATRÍCULA AOS CANDIDATOS DO SEXO FEMININO COM IDADE SUPERIOR.

A Rita, apesar de não saber exactamente com que idade começou o curso de Formação Feminina, transmite a ideia de que era mais nova do que as suas colegas:

Não me lembro, espere lá! Eu tinha nove anos. Ainda as minhas colegas andavam comigo ao colo, de trancinhas a pentearem-me. Eu era muito pequenina, muito magrinha.

A Margarida refere que tinha 15 anos quando iniciou o curso de Formação Feminina e lembra ainda que todas as suas colegas tinham sensivelmente a sua idade:

*Comecei o curso com quinze anos.
Éramos mais ou menos da mesma idade.*

2.2 – Disciplinas e características

Como seria provável para a época, apenas nos cursos femininos e nas turmas femininas existiam as disciplinas de economia doméstica, puericultura e noções gerais de enfermagem (artigo 73.º do Decreto n.º 37:029, quadro IV).

Quadro III - Artigo 73.º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial

O ENSINO DAS DISCIPLINAS DE ECONOMIA DOMÉSTICA, PUERICULTURA E NOÇÕES GERAIS DE ENFERMAGEM FARÁ PARTE DE TODOS OS CURSOS ESPECIFICAMENTE FEMININOS E SERÁ MINISTRADO ÀS TURMAS EXCLUSIVAMENTE FEMININAS DOS RESTANTES.

O mesmo decreto define o currículo do curso de Formação Feminina, ou seja, as disciplinas que o compunham e a sua carga horária (quadro V). Pela análise do quadro referido, pode concluir-se que as meninas que ingressavam neste curso, além das disciplinas de Português, Francês, Matemática e Educação Física, frequentavam ainda as disciplinas de Economia Doméstica, Desenho, Dactilografia, Religião e Moral, Noções de Higiene, Puericultura e Enfermagem, e Oficina. Somando assim um total de 40 horas semanais no primeiro ano, 41 no segundo e 42 no terceiro ano.

Quadro IV - Currículo do Curso de Formação Feminina.

Disciplinas	1.º ano	2.º ano	3.º ano
Português	3	3	3
Francês	4	4	-
Matemática	3	2	-
Economia Doméstica	1	1	1
Desenho	8	8	8
Dactilografia	-	-	4
Religião e Moral	1	1	-
Noções de Higiene, Puericultura e Enfermagem	1	1	1
Educação Física	1	1	1
Oficina	18	20	24
Total	40	41	42

1. A disciplina de Economia Doméstica inclui, nos 1.º e 2.º anos, práticas de culinária, a realizar em tempos além dos mercados, conforme as possibilidades da escola.

2. É aplicável ao ensino de Desenho e das Oficinas deste curso o que fica disposto para o de costura e bordados.

É curioso o sentimento da Margarida sobre a Matemática e a Física, disciplinas que considerou mais interessantes, em desfavor de outras específicas do curso de Formação Feminina:

Matemática e Física, gostei muito.

Conforme a leitura do quadro V, as alunas tinham uma aula por semana de Economia Doméstica, no 1.º e no 2.º ano. Esta disciplina incluía aulas práticas de culinária, realizadas fora da carga horária escolar e de acordo com as possibilidades da escola. O artigo 73.º do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial (quadro VI) descreve pormenorizadamente as aulas de Economia Doméstica. Este artigo frisa que as sessões de culinária apenas poderiam ocorrer em escolas que oferecessem os meios necessários à sua realização. Durante as aulas de economia Doméstica, as turmas deveriam ser divididas em dois turnos.

O legislador teve ainda o cuidado de enumerar os materiais que a escola deveria ter: vassouras, ferros de engomar, tachos, batedores de claras pimenteiros, etc. Tal sucederá pela importância dada a esta disciplina? Talvez esta suposição tenha alguma veracidade, uma vez que a disciplina de Economia Doméstica era obrigatória para todas as alunas, de todos os cursos, e continuou a ser leccionada mesmo depois do curso de Formação Feminina ter terminado.

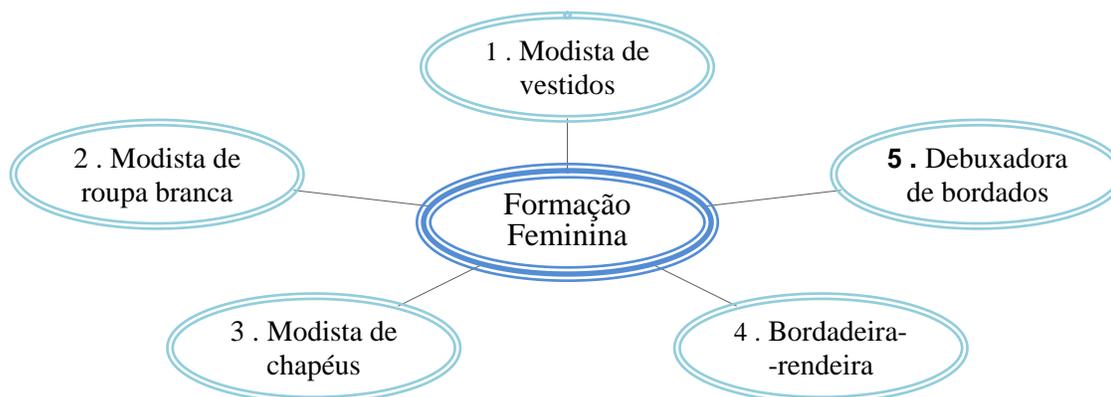
Quadro V - Artigo 73.º do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial e do despacho ministerial de 25 de Janeiro de 1952.

- 1 - O ENSINO DA DISCIPLINA DE ECONOMIA DOMÉSTICA, QUE PERTENCE AO GRUPO A) EM TODOS OS CURSOS DE QUE FAZ PARTE, É OBRIGATÓRIO PARA TODAS AS ALUNAS DE TODOS OS CURSOS, MESMO QUE ESTEJAM A FREQUENTAR TURMAS MISTAS.
- 2 - CADA TURMA TEM SEMANALMENTE UMA AULA E, NOS DOIS PRIMEIROS ANOS, UMA SESSÃO DE CULINÁRIA.
- 3 - AS AULAS, CUJA DURAÇÃO É DE 55 MINUTOS, SERÃO TEÓRICAS OU PRÁTICAS, SEGUNDO MAIS CONVENIENTE SE MOSTRE PARA A EXECUÇÃO DE CADA UMA DAS RUBRICAS DO PROGRAMA.
- 4 - AS SESSÕES DE CULINÁRIA SOMENTE TERÃO LUGAR NAS ESCOLAS QUE DISPONHAM DOS MEIOS NECESSÁRIOS À SUA EFICIENTE REALIZAÇÃO (CONSULTANDO-SE, NO CASO DE DÚVIDA, A DIRECÇÃO-GERAL) E A SUA DURAÇÃO NÃO PODE EXCEDER 90 MINUTOS NO PRIMEIRO ANO E 120 NO SEGUNDO.
- 5 - PARA AS SESSÕES DE CULINÁRIA CADA TURMA PODE SER DIVIDIDA EM DOIS TURNOS, CASO CADA UM DESTES NÃO FIQUE CONSTITUÍDO POR MENOS DE 8 ALUNAS.
- 6 - EM CONFORMIDADE COM O DISPOSTO NO N.º 2, CADA TURNO DAS TURMAS DESDOBRADAS TERÁ UMA SESSÃO QUINZENAL.
- 7 - OS HORÁRIOS DAS SESSÕES DE CULINÁRIA DEVEM SER ORGANIZADOS DE FORMA QUE AS DAS ALUNAS DO PRIMEIRO ANO SE REALIZEM EM SEGUIMENTO DAS DESTINADAS ÀS ALUNAS DO SEGUNDO ANO, A FIM DE AQUELAS PODEREM CUMPRIR O PROGRAMA QUE IHES RESPEITA RELATIVAMENTE A LIMPEZA E ARRUMAÇÃO DOS UTENSÍLIOS DE COZINHA.
- 8 - AS ALUNAS SÃO SUBMETIDAS A EXAME NO FIM DA FREQUÊNCIA DO 3.º ANO. O EXAME TERÁ PROVA PRÁTICA E ORAL, NOS TERMOS DA ALÍNEA E) DO N.º 1 DO ARTIGO 498.º DO ESTATUTO. A PROVA PRÁTICA TERÁ A DURAÇÃO DE 90 A 120 MINUTOS, CONFORME FOR DECIDIDO PELO DIRECTOR DA ESCOLA, OUVIDO O JÚRI; A PROVA ORAL TERÁ A DURAÇÃO DE 15 MINUTOS.
- 9 - PARA CUMPRIMENTO DO QUE SE EXIGE NO PROGRAMA A ESCOLA DEVERÁ POSSUIR O SEGUINTE MATERIAL: TANQUE DE LAVAR ROUPA; FERRO E TÁBUA DE ENGOMAR, ESCADOTE DE LIMPEZA, ESCOVAS, ESFREGÕES DE ARAME, VASSOURAS E BALDES, CERA, SABÃO, PANOS E PIAÇABA; PANEIAS, TACHOS, SERTÃS, TABULEIROS, FRIGIDEIRAS, BATEDOR DE CLARAS, GARFO DE FRITAR, ROLO E TÁBUA PARA MASSAR E FORMAS DE ALUMÍNIO; MAÇO DE PISAR FEIJÃO E RALADOR, SALEIROS, PIMENTEIROS E ALGUIDARES PARA LOUÇA; UMA BALANÇA; UM FOGÃO DE GÁS OU LENHA, CASO NÃO HAJA CANTINA; CONCHA, COLHERES DE PAU, ESCUMADEIRAS, PASSADOR PARA PURÉS, RALADOR PARA CASCAS DE LIMÃO E LARANJA, ESPREMEDOR E QUEBRA-NOZES.
- 10 - A FIM DE ECONOMIZAR O MAIS POSSÍVEL, A CANTINA DEVE FORNECER ALGUNS GÉNEROS PARA AS AULAS PRÁTICAS DE CULINÁRIA, VISTO AS ALUNAS NÃO PODEREM - POR INCÓMODOS - TRAZÊ-LOS DE CASA, COMO: BATATAS, AZEITE, BANHA, CEBOLAS E SOBRAS DO DIA OU DA VÉSPERA, PARA SEREM APROVEITADOS EM PASTÉIS, EMPADÕES E PICADOS.
- 11 - COMO AS ALUNAS DO MESMO TURNO NÃO PODERÃO TRABALHAR SIMULTANEAMENTE NA CONFECÇÃO DE COMIDA, QUANDO TRABALHA METADE A OUTRA METADE AJUDA, LAVANDO PRATOS E OUTRA LOUÇA, CORTANDO FEIJOES, DESCASCANDO BATATAS, ESCOLHENDO ARROZ E SERVINDO ALMOÇOS NA CANTINA, QUANDO A HOVER. NO TURNO SEGUINTE TRABALHARÃO PROPRIAMENTE NA COZINHA AS QUE FIZERAM ANTES TRABALHOS AUXILIARES.

Depois de concluírem o curso de Formação Feminina, as alunas poderiam ingressar num dos cinco cursos de especialização - modista de vestidos, modista de roupa branca, modista de chapéus, bordadeira-rendeira ou debuxadora de bordados (figura I).

O currículo destes cursos foi também estabelecido pelo Decreto n.º 37:029 (quadros VII, VIII, IX e X), o currículo do curso de modista de roupa branca era idêntico ao de modista de vestidos.

Figura I– Diagrama com os cursos de especialização do curso de Formação Feminina.



Quadro VI – Currículo do Curso de especialização de Modista de vestidos.

1. – Modista de vestidos		
Disciplinas	4.º ano	5.º ano
Estilos; noções de história do traje	2	
Cálculo profissional; orçamentos	1	
Desenho	10	
Oficina	24	36
Nota. – A frequência do 5.º ano pode fazer-se fora da escola, em regime de estágio, a que se seguirá o exame oficial, como para os alunos que sigam o regime escolar.		
Total	37	36

Quadro VII – Currículo do Curso de especialização de Modista de chapéus.

3. – Modista de chapéus		
Disciplinas	4.º ano	5.º ano
Cálculo profissional; orçamentos	1	
Desenho	10	
Oficina	20	36
Nota. – A frequência do 2.º semestre pode fazer-se fora da escola, em regime de estágio, a que se seguirá o exame oficial, como para os alunos que sigam o regime escolar.		
Total	31	36

Quadro VIII - Currículo do Curso de especialização de Bordadora – rendeira.

4. – Bordadora-rendeira		
Disciplinas	4.º ano	5.º ano

Estilos	2	-
Cálculo profissional; orçamentos	1	-
Desenho	10	-
Oficina	24	36
Nota. – A frequência do 5.º ano pode fazer-se fora da escola, em regime de estágio, a que se seguirá o exame oficial, como para os alunos que sigam o regime escolar.		
Total	37	36

Quadro IX – Currículo do Curso de especialização de Debuxadura de bordados.

5. – Debuxadora de bordados	
Disciplinas	4.º ano
Estilos	2
Cálculo profissional; orçamentos	1
Oficina	15
Sala de desenho	20
Total	38

2.3 – Distribuição do Curso de Formação Feminina pelo país.

Com o objectivo de verificar como estavam distribuídas as escolas com o Curso de Formação Feminina em Portugal Continental, Madeira e Açores, construiu-se o mapa I, onde os distritos sombreados correspondem àqueles onde se ministrava este curso; os dados foram recolhidos do *Índice de Cursos*, publicado em 1960. Da leitura do mapa I percebe-se que o curso de Formação Feminina existia em várias escolas e em todos os distritos.

Mapa I – Distribuição do Curso de Formação Feminina pelos distritos de Portugal. In: *Índice de Cursos* (1960).



Pela existência do curso Formação Feminina em todos os distritos de Portugal, com excepção das então «Colónias» portuguesas, supõem-se que ele deveria ter alguma importância. Alpiarça (1981), afirma mesmo que era um dos que tinha maior número de alunos entre os outros de formação: “os cursos de formação com maior frequência eram os de Comércio, Serralheiro, Montador Electricista e Formação Feminina, representando no seu conjunto 85% da frequência total” (p. 111). O autor opina que tal situação se deveria ao facto destes cursos funcionarem em quase todas as localidades com escolas técnicas, ao mesmo tempo que permitiam o acesso a uma larga gama de actividades profissionais

Também a Carolina tem a noção de que o curso de Formação Feminina existia quase em todo o país:

Todo o lado, quase todo o lado...

Os cursos de especialização existiam em menor frequência e apenas em alguns distritos, conforme mostra o quadro XI os dados foram igualmente recolhidos no *Índice de Cursos*, 1960. À excepção da Escola Industrial e Comercial Brotero, em Coimbra, todas as outras ofereciam mais do que um curso de Especialização.

Com a finalidade de melhor se observar a distribuição dos cursos de especialização em Portugal, escureceram-se, no mapa I, os distritos com estes cursos. Os distritos com

sombreado mais escuro correspondem, pois, aos distritos com cursos de especialização. Observa-se que existem apenas quatro distritos com cursos de Especialização - Porto, Coimbra, Lisboa e Funchal.

Quadro X - Distribuição do Curso de Especialização pelas cidades de Portugal.

Cidade	Escola	Especialização
Coimbra	Escola Industrial e Comercial Brotero	Modista de vestidos
Funchal	Escola Industrial e Comercial do Funchal	Modista de vestidos; debuxadora de bordados
Lisboa	Escola Industrial Dona Luísa de Gusmão Escola Industrial Josefa de Óbidos	Modista de vestidos, de chapéus e de roupa branca, e bordadora-rendeira. Modista de vestidos e de roupa branca, e bordadora-rendeira.
Porto	Escola Industrial Aurélia de Sousa	Modista de vestidos, de chapéus e de roupa branca, e bordadora-rendeira

Construído através dos resultados recolhidos de uma publicação da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional, de 1954; o quadro XII transmite igualmente a ideia de que poucas alunas concluíam os cursos de especialização. Reserva-se, no entanto, que os dados são de anos diferentes e que o documento não refere todos os cursos de especialização do curso de Formação Feminina. Mesmo assim, a relação entre o número de diplomadas do curso, juntamente com as de especialização, e o número total de diplomados é superior a 9%.

Quadro XI - Total de Diplomados no ano lectivo 1953 – 1954. In: Escolas Técnicas. Boletim de Acção Educativa. Vol. IV, N.º 17. (1954).

Curso	Diplomadas
Bordadora-rendeira e Formação Feminina	170
Costureira-bordadora	32
Modista de vestidos	25
Sub total	227
Total de Diplomados	2480

O curso de Formação Feminina existia ainda nas então denominadas «Colónias» (quadro XIII). Os estabelecimentos de ensino situados no «Ultramar» estavam dependentes da Direcção-Geral do Ensino do Ministério do Ultramar, ao contrário dos anteriormente referidos e localizados na «Métropole», que dependiam da Direcção-Geral do Ensino

Técnico Profissional. Apesar do curso de Formação Feminina existir em diversas escolas, apenas em Goa havia um curso de especialização, o de modista de vestidos.

Quadro XII - Distribuição do Curso de Formação Feminina pelas Colónias.

Local	Escola
Cabo Verde	Escola Industrial e Comercial do Mindelo
Guiné	Escola Industrial e Comercial de Bissau
Angola	Escola Comercial Vicente Ferreira (Luanda); Escola Industrial e Comercial de Nova Lisboa; Escola Industrial e Comercial «Artur Paiva» (Sá da Bandeira); Escola Comercial do Lobito; Escola Industrial e Comercial Infante D. Henrique (Moçâmedes); Escola Industrial e Comercial de Silva Porto; Escola Comercial de Malanje
Moçambique	Escola Comercial de Lourenço Marques
Índia	Escola Industrial e Comercial de Goa; Escola Comercial de Margão

3 – Motivações

Moura (1961) dá a entender que o curso de Formação Feminina tinha dois intuitos diferentes: a de preparar as alunas para a entrada noutros cursos e para exercerem as funções de «donas de casa» tradicionais:

O Curso de Formação Feminina tem como finalidade dar às alunas das Escolas Técnicas uma preparação que lhes permita ingressar nos Cursos de Especialização com a necessária bagagem; prepará-las para a admissão à Escola do Magistério Primário e Institutos Comerciais e Industriais ou, para aquelas que não pretendam frequentar estes cursos, apetrechá-las devidamente para o desempenho das suas futuras funções de donas de casa e mães de família. (p. 7)

Tendo em conta o paralelismo de finalidades do Curso de Formação Feminina, definiram-se dois pressupostos, de trabalho com o propósito de limitar e orientar a investigação:

- ✘ A menina forma-se no espaço público para desempenhar bem as suas funções no espaço doméstico;
- ✘ A menina forma-se para poder entrar no espaço público.

3.1 - A menina forma-se no espaço público para desempenhar bem as suas funções no espaço doméstico

Fonseca (1962) cita Talleygrand para defender o que a educação deveria de oferecer às meninas, pois este autor confunde o conceito de mulher com o de dona de casa: “o que lhes convém [às mulheres], sobretudo, é uma educação doméstica, que as prepare a viver em família. Que a mulher permaneça mulher.” (p. 10). Como muitas famílias são dotadas de poucos recursos e conhecimentos, Fonseca (1962) enfatiza a importância da escola para a educação das meninas: “pede-se hoje mais à escola no campo educativo, porque a família está a dar uma contribuição menor e muitas vezes nem pode dá-la” (p. 17).

Também o Programa de Ciências para o curso complementar de aprendizagem de costureira (modista e bordadora) refere que “a disciplina deve facultar à mulher de amanhã, artífice ou operária, os conhecimentos que a habilitem a ordenar a prática profissional e o governo da casa segundo princípios científicos”. O mesmo documento menciona ainda que “o professor de Ciências deve pôr todo o cuidado em fazer as referências possíveis às aplicações domésticas e profissionais femininas dos princípios de física, química e biologia revelados e dos conhecimentos de geografia económica e humana transmitidos durante o ensino”.

Na opinião de Osório e Martinho (1956) “a mulher formada, a que trabalha no escritório, na oficina ou na fábrica [...] não deve abdicar das suas atribuições de dona de casa.” (p. 2), pois a mulher ocupa, na visão destas autoras, o lugar principal na família. Já Fonseca (1962) considera perigosa a situação das mulheres estudarem e evoluírem intelectualmente, sob pena de esquecerem “outros deveres e descurar outras virtudes.” (p. 10).

O artigo 75.º do Decreto n.º 37:029 (quadro XIV), por mencionar que o curso de Formação Feminina não tinha estágio, pode levar-nos a considerar que este curso se destinava a educar as meninas para as suas futuras funções de donas de casa. A opinião de Magalhães (1998) parece identificar-se com esta perspectiva quando refere que o facto de muitas meninas se tornarem donas de casa se devia aos constrangimentos sociais da época. Assim, casavam e ficavam “no espaço do lar, a braços com os filhos” (p. 11).

Quadro XIII - Artigo 75º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial.

5. Não há estágio no curso de formação feminina.

Emerge assim o primeiro pressuposto de trabalho, *o curso de Formação Feminina permitia que a menina se formasse no espaço público para desempenhar bem as suas funções no espaço doméstico.*

Também Osório e Martinho (1956) consideram que:

A educação e instrução da mulher assumiram, na época actual, a importância dum problema magno, pois da sua formação depende um mundo de consequências. As ideias, os hábitos e as necessidades têm evoluído, nos últimos tempos, de forma vertiginosa, e a mulher (até certa altura considerada apenas o “Anjo do Lar”) luta, actualmente, em todos os sectores da vida profissional. Para isso, a mulher necessita de ser educada e orientada criteriosamente (p. 2).

Nota-se a existência de diferenças de base na concepção da educação formal dos géneros. Shaw (1980) reforça que a história da educação das raparigas tem sido, em grande parte, a história da oposição a que as mulheres obtenham uma educação de qualidade. Assim, a expansão da escola de massas para as raparigas não seria originada para as *raparigas*, mas antes criada para que as mulheres fossem as *regeneradoras* da ordem social através do seu papel na educação dos filhos.

Magalhães (1998) explica que as políticas e os discursos oficiais constroem o género feminino tendo em conta o estreitamento e a canalização da educação feminina para aspectos específicos:

um papel feminino que privilegia o doméstico, o cuidar dos outros (nurture); e uma educação vocacional não centrada nas alunas, inculcando-lhes um ethos de dever e de serviço tanto para com a sociedade (para serem «as filhas da nação»), como para com os homens das suas famílias. (p. 36).

Também Fonseca (1962) refere que: “em vista a funções distintas, o ensino (no sentido lato do termo) foi diversificado enquanto foi fazendo da rapariga a futura dona de casa e do rapaz o futuro obreiro da sua terra a servi-la em qualquer arte ou ofício” (p. 7). A perspectiva defendida por Osório e Martinho (1956) parece confirmar a opinião de Fonseca, já que estas autoras defendiam que “a mulher formada, a que trabalha no escritório, na oficina ou na fábrica, não pode esquecer-se de que é e será, através de todos

os tempos, a figura central da família. Não deve abdicar das suas atribuições de dona de casa.” (p. 2). Magalhães (1998) defende igualmente que “as mulheres não foram libertadas dos seus destinos domésticos” (p. 39). Este autor justifica que as mulheres continuam a desempenhar papéis duplos, sendo ainda hoje notória, em muitos casos, a desigualdade no lar.

As expectativas sobre os papéis das futuras donas de casa são também bastante visíveis nos Programas (1969 – 1960) para as actividades circum-escolares da Mocidade Portuguesa, os quais mencionam que “quando a intervenção da educadora tem lugar em adolescentes do sexo feminino, prestes a assumir, quer em tempo pleno, quer em acumulação com outras, as responsabilidades de donas de casa, esposas e mães, esta intervenção reveste-se ainda de maior importância” (p. 66).

Denota-se, então, que apesar de muitos julgarem como natural a saída da mulher da esfera doméstica, à mulher continuavam a ser atribuídas as funções de «dona de casa». Osório e Martinho (1956), por exemplo, justificam os seus conselhos no valor da família:

Apenas pretendemos frisar que o papel de dona de casa é importantíssimo e que o culto por tudo quanto é delicado e feminino só lhe fica bem e a enaltece, seja qual for o grau da sua cultura, seja qual for a sua posição social (p. 4).

Fonseca (1962) assume uma posição semelhante à de Osório e à de Martinho defendendo que “a mulher evoluciona por vias intelectuais e, fascinada por essa luz, chega a correr o perigo de esquecer outros deveres e descuidar outras virtudes.” (p. 10). A mesma autora opina ainda que “quando a mulher quis igualar-se ao homem, julgando atingir o mais lato cume na evolução da história social, colocou-se, na verdade, na posição mais perigosa e inadequada.” (p. 10).

Interessante perceber que nenhuma das narradoras relaciona a entrada no curso de Formação Feminina com a necessidade de se prepararem bem para as suas funções de dona de casa. A Carolina menciona que foi uma má professora que a levou a escolher o curso de Formação Feminina e nega que as suas amigas e colegas tenham feito essa escolha em função da família.

Porque é assim, a minha ideia era analista química, percebes? Mas tive azar com a primeira professora que tive e eu gostava de mexer naquelas coisas, ainda hoje gosto. Mas depois disse logo: «Formação Feminina». E depois é assim, andava lá uma amiga minha de infância. E

é isso mesmo que eu vou fazer, e fiz. Mas inicialmente não era nada disso. Era mais a parte de farmácia, percebes? Era a minha ideia.

Curiosamente, o motivo que levou a Rita a escolher o curso de Formação Feminina deveu-se a uma boa professora, carinhosamente chamada pela narradora por Dona Belmira:

[...] eu comecei, apanhava dezoitos e dezanove a desenho e “- porque é uma pena, diz ao teu pai para vir cá falar, porque tu tens tanto jeito para as artes, não deves ir para Físico-química” e eu disse: “ó pai, a Dona Belmira⁴ disse par ir lá falar com ela”; “não, tu é que sabes, a vida é tua, tu é que sabes se gostas ou não gostas” e eu segui mais pela Dona Belmira. Eu ia para uma coisa totalmente diferente.

A Margarida, pelo contrário, foi persuadida pela família a frequentar este curso, contra a sua vontade:

Eu não quis entrar para o curso de Formação Feminina, por isso te digo que não sou a pessoa mais indicada, sabes? Fui obrigada, pela imposição da minha família, especialmente do meu pai.

A narradora acrescenta ainda que desejou mudar de curso mas, que foi impedida de o fazer pelos seus tios – os quais atribuíam uma conotação negativa ao curso – e pelo seu pai.

E eu não gostei, pura e simplesmente. Quando eu quis desistir, eu não era maior, nessa altura a maioridade só se atingia com 21 anos. Quando eu quis desistir pedi aos meus tios, onde eu estava, «- faça-me aqui um requerimento para eu desistir do curso»; «- não senhor, não senhor, tu não tens idade para decidir e não podes ter mais do que a [prima]». Ela também estava na Formação Feminina mas, mais adiantada do que eu, porque era mais velha.

O meu pai entendia que eu devia tirar um curso.

A Carolina defende a existência do curso de Formação Feminina ainda nos nossos dias e faz referência à existência deste curso em outros países:

[...]foi uma pena terem acabado estas coisas. [...]Porque eu acho que devia haver mais caminhos. Mais vias profissionais. Noutros países há...⁵

⁴ A Rita refere-se à Mestra Belmira Fernandes Branco Calvet de Magalhães.

Apesar de nenhuma das narradoras validar o primeiro pressuposto desta investigação, considera-se coerente com a literatura e com os decretos-lei consultados a ideia de que uma das finalidades do curso seria a de dar uma boa preparação às meninas para o seu desempenho como «donas de casa». Pelo que a Carolina menciona:

Então não era? Elas aprendiam tudo e mais alguma coisa. Adoravam ir aos exames. Então aos meus... eu punha sempre uma bebida para acompanhar, percebes? Depois convidavam-se os professores para provarem, avaliarem, comia-se.

Ao contrário da Margarida que afirma que aprendeu alguma coisa útil em culinária, mas que apenas gostou de fazer o enxoval para a sua filha.

Ajudou-me, eu casei em 71. Ajudou-me na culinária, porque nós tínhamos economia doméstica, e todas as semanas tínhamos de fazer uma refeição, um almoço e servi-lo. E aí ajudou-me um bocadinho. [...]

A única coisa que realmente eu fiz e que gostei imenso e ainda hoje guardo - a minha filha tem 32 anos, eu acabei o curso com 20 e ela nasceu tinha eu 26 anos - eu fiz uma pecinha para o enxoval dela de bebé: uma camisinha, um vestidinho para o baptizado, sei lá... fiz assim uma série de coisas. E no dia em que ela nasceu, foi exactamente essas as coisas que ela vestiu. Portanto, é a única coisa boa que eu guardo.

3.2 - A menina forma-se para poder entrar no espaço público

Como o artigo 33 do decreto-lei n.º 37:028, de 25 de Agosto de 1948, sobre admissão ao Magistério faz referência às alunas que concluíram o curso de Formação Feminina (quadro XV), considera-se que, pelo menos aparentemente, se aceitava a entrada das *meninas* na área educativa. Curiosamente todas as personagens deste texto seguiram uma carreira profissional na área da docência, mas nenhuma delas frequentou o curso do Magistério Primário.

Quadro XIV - Artigo 66.º do Decreto n.º 37:029 do estatuto do Ensino Profissional Industrial e Comercial.

Podem também requerer o exame de admissão a que se refere o artigo anterior as alunas que, além da habilitação do curso de Formação Feminina, tenham obtido aprovação nos exames das disciplinas de Geografia, História, Ciências Naturais e Elementos da Física e Química do ensino industrial.

A Carolina e a Rita depois de terem terminado o curso de Formação Feminina iniciaram também a sua carreira profissional ligada a esse curso. A Margarida fez um percurso semelhante aos das outras duas narradoras apesar de nunca ter usado o título de mestra.

As três narradoras ao afirmarem ainda que as suas colegas de curso, *as meninas*, entraram também no mundo do trabalho deixam transparecer que o curso de Formação Feminina poderia servir como *um meio das meninas terem acesso ao espaço público*.

Na expressão “*algumas sim, outras não... algumas mudaram de curso tentaram a entrada à Universidade*” a Carolina parece ir de encontro ao pressuposto atrás anunciado. Esta narradora descreve também a vida profissional que as suas colegas de curso tiveram:

Olha a Joana⁶ tirou a licenciatura e está no ministério. A Julieta⁷ seguiu o mesmo ritmo do que eu, foi para a economia doméstica e tal... quem era mais? Estou convencida que todas nós fomos por gostar.

As histórias de vida destas mulheres correspondem a duas partes que se entrelaçam – de menina a mestra, mais tarde a professoras, ou «stôras», de Trabalhos Manuais e finalmente de Educação Visual e Tecnológica. Foi, por isso, interessante conhecer como sentiram, as narradoras, esta passagem.

4 – De menina a mestra

4.1 – Os outros professores

A Carolina, a Rita e a Margarida conversaram sobre a relação que mantinham com os outros professores.

⁶ Joana é um nome fictício.

⁷ Julieta é um nome fictício.

Não havia problema

A Carolina fez referência à idade como factor de constrangimento.

Como mestra não havia problema nenhum. Por acaso, eu tinha uma directora que era uma coisa horrorosa [...] Foi isto ... o que mais se notou é por isso que eu dou muito apoio às pessoas novas que aparecem na escola, foi aqui na Ferreira Borges, na economia doméstica.

[...]

Não, não. Por ser nova. Eram assim as pessoas para a minha idade, percebes?

Sempre me dei bem

A Rita menciona que nunca se sentiu inferiorizada quando comparada com os outros professores.

Ah! Eu nunca achei! Nunca achei! Eu sempre me dei bem com todos os professores, de todas as disciplinas. Nunca foi aquele género de me sentir inferiorizada fosse ao pé de quem fosse. Porque, graças a Deus o que aprendi, aprendi bem. E só não sei dar aulas de línguas ou matemática moderna [...]

Era normal, com todos os professores da escola. Era como uma família. [...] Depois como era muito amiga do professor Calvet⁸, era como uma filha para ele. Quer dizer, era como uma família. [...] Depois da morte do professor... nunca senti nada.

Contudo frisa a sua discordância com a anulação das aulas de Trabalhos Manuais:

Em E.V.T., de facto, são as professoras de desenho que só querem dar as medidas, porque não sabem fazer. Como não sabem fazer e não querem ficar abaixo de nós, elas é que querem dar aquilo [...].

Nós tínhamos cinco horas de desenho por dia, tínhamos muito mais desenho do que agora têm. Assim, como tínhamos de bordados e todas essas coisas [...].

Eu não me atrapalho nada a desenho, porque a gente sabe muito de desenho, só que os miúdos perdem muito.

Os colegas

A Margarida diz que nunca se sentiu constrangida pela sua formação enquanto viveu no «Ulamar», refere no entanto que na «Metrópole» experimentou alguma hostilidade por parte de colegas seus.

⁸ Referência ao director da escola, professor Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães.

Não, não. Tanto na Escola e como no Liceu. Nunca senti diferença nenhuma. Aqui, em Portugal, sim. Os colegas de desenho, porque tinham um curso superior, não é? E nós não tínhamos, nessa altura [pausa] faziam realmente diferença, distinção. E tratavam-nos assim até um bocadinho com diferença...

4.2 – As alunas

Nos diálogos que estabeleceram, as narradoras lembraram com alguma saudade a relação que tinham com as suas alunas.

Era giríssimo

A Carolina recorda uma situação em que encontrou uma ex-aluna sua:

Eu acho que sim. Ainda há pouco tempo, eu estava na loja da minha filha, em Carcavelos, estava lá uma amiga da empregada, e perguntou: - «senhora doutora, não se lembra de mim?» e eu disse: - «não, não me lembro de si; a sua cara não é estranha, mas não me lembro de si»; - «fui sua aluna». Tinha sido minha aluna na Luísa de Gusmão, quando eu tinha 19 anos, ora bem! Eu já não via a senhora há sei lá! Agora não, mas até 2 anos atrás estive com as minhas alunas.

Muito melhor

Muito melhor, agora há um ou outro que fica. [...] Era com todos. Havia mais ligação. Agora tenho um ou outro. Agora há alguém, ainda tenho um grupinho em que vamos todos almoçar... já não há.

Mais educação

A Rita compara o presente com o passado e diz que antigamente havia mais respeito e mais educação.

*Como aluna foi muito bom, porque tive belíssimos professores. Havia educação, que é uma coisa que havia nas escolas e que agora já não há, o que é uma pena. As pessoas eram muito educadas, tínhamos umas aulas... aprendíamos muito bem, o que agora é difícil. Havia muita disciplina, o que agora já não há [...].
Quando comecei a ser professora, no princípio antes do 25 de Abril ainda havia muita educação, aqui e na Ferreira Borges. Primeiro estive na Ferreira Borges e depois vim*

para aqui⁹. Primeiro na economia doméstica e depois o professor Calvet¹⁰ é que disse para eu vir para aqui.

Os meninos

A Margarida tem uma perspectiva próxima da Carolina e da Rita, já que defende que a relação com os alunos era antigamente melhor, frisando a existência de respeito.

Não tem comparação! Também era porque era outra altura. Havia respeito! Havia educação! Brancos e pretos. Eu estudei com pretos. E muitos. E os meninos também eram muitos, muitos, muitos pretos.

Estes miúdos

Quando começaram a vir, não sei se aqui foram mal recebidos, não sei! Agora temos muitos problemas com estes miúdos! A maior parte já nasceu aqui!

4.3 – Factores de constrangimento

As narradoras também conversaram sobre o local onde as aulas decorriam, sobre os materiais que usavam, sobre a bata e como isso poderia influenciar o seu estatuto social.

Usava sempre bata

A Carolina diz que ainda hoje usa bata e que nunca a tira para ir para a sala de professores.

Sim, sim. Sempre. Não, eu penso que a gente usava [bata] quando queria. Sim... eu ainda uso na Pereira Coutinho. É por uma questão de higiene. No terceiro ciclo, na tecnológica, como trabalhamos com cerâmica, percebes?

Livro de ponto

A Carolina afirma que não havia distinção no livro de ponto entre as aulas de oficina e as outras.

Era o mesmo, sempre o mesmo.

⁹ Referência à escola com a denominação actual de E.B. 2,3 Francisco de Arruda.

¹⁰ Referência ao Professor Manuel Maria de Calvet de Magalhães.

Todas usávamos bata

A Rita assegura que todas as professoras eram obrigadas a usar bata, assumindo assim um valor identificativo.

Usávamos bata, na Francisco Arruda 11 era mesmo obrigatório usar bata, as batas tinham umas molas com o emblema da escola. Se não tivéssemos aquilo não podíamos dar a aula. [...] Todas [professoras] tínhamos de usar. Sim, como agora temos de usar os cartões, dantes usávamos as batas.

Podia vir a inspecção

A Rita salienta a importância que o livro de ponto assumia.

Sim, sim. Tínhamos de fazer as fichas de trabalho. Os alunos tinham de fazer o que estava exposto; porque podia vir a inspecção; e veio muitas vezes. [...] Punham lá o livro [de ponto], as empregadas. Depois traziam o livro para cima.

Batinha branca

A Margarida relaciona, tal como a Carolina, o uso de bata branca com a higiene.

Sim, quando entravam na aula estavam três, quatro a cinco horas. Sempre de batinha branca, também para não sujarem a roupa, não é? Como também era um clima muito quente, vestíamos só a bata em cima do corpo. Toda a gente tinha bata, nem se pensava em... então até os professores de outras disciplinas usavam bata, nas oficinas dos rapazes a bata era azul.

Breve Conclusão

O Meu Olhar

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de, vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Alberto Caeiro (1997)

¹¹ Referência à escola com a denominação actual de E.B. 2,3 Francisco de Arruda.

Numa época em que as questões de género são estudadas em diferentes áreas, faz sentido (re)descobrir e reparar no curso de Formação Feminina com a finalidade de entender os percursos profissionais e pessoais das então mestras do Ensino Técnico. Valorizou-se, por isso, o sistema de valores e os sentimentos de três mulheres face a este curso.

A memória oral, como fonte de pesquisa, deu a conhecer as motivações que levaram a Carolina, a Rita e a Margarida a frequentar e a concluir o curso, indo ao encontro dos dois pressupostos teóricos definidos: a menina forma-se no espaço público para desempenhar bem as suas funções no espaço doméstico ou, pelo contrário, a menina forma-se para poder entrar num espaço público.

Pondera-se que este pequeno ensaio possa contribuir para a desocultação dos objectivos do curso de Formação Feminina, ou simplesmente para olhar para um passado ainda pouco distante, para uns, mas já longínquo para outros.

Referências Bibliográficas

- Actividade Circum-Ecolares. Programas. (1969 – 1970). Mocidade Portuguesa Feminina.
- Antikainen, A.*et al.* (1996). *Living in a Learning Society: life histories, identities and education*. Londres: Falmer Press.
- Bastos, Maria Helena Câmara e Colla, Anamaria (1994). Retratando Mestres: a idealização do professor na representação da docência. *O Professor*, n.º 39 (3ª série).
- Caeiro, Alberto. (1997). O Meu Olhar. *O Guardador de Rebanhos*. Lisboa: Contexto.
- Direcção Geral do Ensino Técnico Profissional. (1954). Boletim de Acção Educativa. *Escolas Técnicas*, n.º 17. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- Direcção Geral do Ensino Técnico Profissional. (1960). Índice de cursos. *Escolas Técnicas*, n.º 27. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.
- Fonseca, Deolinda de Oliveira dos Santos (1962). Ensino Uniforme e Ensino Diversificado para os dois sexos. *Escolas Técnicas*, n.º 30. Lisboa: Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional. Ministério da Educação Nacional.

- Fuentes, Carlos (2003). *Gabo: Memórias da Memória*. Lisboa: Dom Quixote.
- Januário, Carlos. (1996). *Do Pensamento do Professor à Sala de Aula*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Joaquim, Teresa (1997). *Menina e Moça - a construção social da feminilidade: séculos XVII - XIX*. Lisboa: Fim de Século.
- Laville, Christian & Dionne, Jean. (1999). *A construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.
- Magalhães, Maria José (1998). *Movimento Feminista e Educação: Portugal décadas de 70 e 80*. Oeiras: Celta Editora.
- Moura, Maria Clementina Carneiro de (1961). O desenho e as oficinas no curso de Formação Feminina – segundo os programas da portaria n.º 13.800 de 12 de Janeiro de 1952. Edição do Boletim «Escolas Técnicas» da Direcção-Geral do Ensino técnico Profissional
- Osório, Judite Fernandes Sanches e Martinho, Felismina Osório (1956). Apontamentos de Economia Doméstica. Lisboa
- Shaw, Jennifer (1980). Education and the individual, schooling for Women's Work. In: Deem (org), *Schooling for Women's Work*. Londres: Routledge Kegan Paul.